

JOEL NETO

BANDA SONORA PARA
UM REGRESSO A CASA

Chamávamos-lhe «boceta» – e é assim que eu continuarei a chamar-lhe, independentemente de também a mim as telenovelas brasileiras e as viagens aos trópicos me terem, entretanto, pulverizado a inocência. Persistiu até há uns anos no falar do povo destas ilhas uma pureza e uma precisão que não cheguei a encontrar em Lisboa – e «boceta», garante o Dicionário da Porto Editora, o único que consegui enfiar numa mala apinhada de computadores e livros e tacos de golfe e camisolas adequadas a um Outono precoce, continua a ser a melhor palavra para definir o objecto. «Como?», reagiu a Catarina, a boca já a fugir num riso. «Queres encontrar a boceta do teu avô?» «Precisamente isso: quero encontrar a boceta do meu avô.» A caixa de rapé do meu avô.

Todos os anos, por esta altura, regresso à casa dele. Durmo na cama onde ele dormiu, como nos pratos em que ele comeu, abro e fecho as portas e as janelas que ele abriu e fechou. Há uma parte de mim que se recupera, mas isso eu não preciso explicar-vos. «Ninguém pode viver sem uma aldeia», diz o poeta, «todos nós temos que ter uma avó» – e vocês, sei-o bem, também tiveram uma avó. Eu, que me perdoe Maria do Carmo, tive um avô. Era pequeno e passional, sorridente e colérico em catadupa. Como os

velhos dos Açores, comia sopas de leite, bebia café puro e cheirava rapé – e no bolso trazia invariavelmente três objectos: um lenço-da-mão, uma navalha afiada e a sua boceta. Preta, selada com uma rolha de cortiça puída – e com uma extraordinária forma de coração que bem podia ser invenção minha se eu não tivesse efectivamente vindo a reencontrá-la na garagem, no fundo de um balde de pesca, onde há anos eu próprio a deixara como caixa de anzóis.

José Guilherme. Toda a minha vida foi, a certa altura, uma reprodução em miniatura da vida grande e inalcançável dele. À noite, quando se acabava o jantar e as mulheres queriam ver *A Escrava Isaura*, refugiávamo-nos na casa-de-despejo – e então ali ficávamos horas a brincar aos carpinteiros, ele com o seu serrote grande e eu com o meu serrote pequenino, ele com a sua plaina grande e eu com a minha plaina pequenina. De dia, íamos ordenhar as vacas, a *Bem-Feita* e a *Estrela* – e então lá subíamos os cerrados os dois, ele com as suas botas-de-cano grandes e eu com as minhas botas-de-cano pequeninas, ele com a sua bilha de leite grande e eu com a minha bilha de leite pequenina, ele subindo a custo, apoiado no seu bordão grande de pau de roseira, e eu imitando-o atrás, quase rindo, com o meu bordão de fona-de-porca girando no ar e despedaçando às escondidas as rocas-de-velha e as suas flores amarelas que davam um suco adocicado e a que chamávamos «chupes». Até que, enfim, ele se sentava numa pedra e puxava da sua boceta grande – e então eu sentava-me ao lado dele e puxava da minha boceta pequenina.

Talvez estes Açores já não existam. Na mesma mesa onde o meu avô comia sopas de leite, escrevo-vos eu agora através da minha placa 3G. O cinema continua a fechar em Agosto, mas no resto do ano já tem sessões todos os dias. Os jornais ainda não chegam à ilha de manhã, mas pelo menos já se vendem no próprio dia. Os racionamentos de água voltaram a ocorrer este Verão, mas agora o jornal traz o mapa com as freguesias e os horários dos cortes. O presidente do Governo chama-lhes «as novas Américas». Ele deve saber: prometeu-nos uma nova via rápida antes das eleições de 2004, montou o aparato de *caterpillars* antes das eleições de 2008 e há-de inaugurá-la antes das eleições de 2012. Mas nem

tudo acaba aí. Ainda é a carrinha do peixe que me acorda de manhã, com apitos estridentes, deixando-me à porta garoupas, imperadores e bocas-negras num último estertor de vida. Os ovos chegam-me directamente da capoeira dos meus pais. O queijo fresco é feito por uma vizinha. E o leite, quisesse-o eu, podia bebê-lo ainda morno, acabado de ordenhar, sem pasteurização nem nada.

Parece-me tudo bem, aqui – e é por isso que não posso ficar muito tempo. Fico feliz, flácido, seguramente pouco moderno – e um cronista de jornais não pode nunca dispensar uma certa revolta. Não tardo em Lisboa. Desta vez, porém, levo a boceta. É feita de uma espécie de feijão gigante, que cresce no Brasil e na Venezuela –, e se aqui está foi porque a Floresta Atlântica a lançou ao mar e a fez viajar milhares de quilómetros, à deriva, até dar à costa na Terceira e ser recolhida pelo meu avô, que a escavou, poliu e rolhou até transformá-la numa boceta. Preciso dela. O corrector do meu MacBook não reconhece a palavra, assim como não reconhece «lenço-da-mão», «botas-de-cano» ou sequer «garoupa» – e só regressar a esta casa, à procura de histórias e de palavras que já não existem, me impede de ceder de vez à sua pressão para que escreva como os outros todos.

Há alguma coisa em Marta Crawford que me atrai – e há algo que, inevitavelmente, me repele também. O que me atrai é o seu profissionalismo como comunicadora, a sua experiência como terapeuta, a sua imensa sabedoria sobre cada um dos pormenores da sexualidade, incluindo o diâmetro exacto da mais pequena região erógena do corpo humano, a cronometragem ideal das diferentes fases dos preliminares perfeitos e todas as pedrinhas que rodeiam esse mapa do tesouro que é o caminho para o chamado ponto G. E, curiosamente, o que me repele nela é a mesmíssima coisa.

Vejo Marta Crawford sozinha no estúdio da TVI24, dialogando pacientemente com senhoras de 65 anos que lhe telefonam para confessar que se masturbam todos os dias e rapazes provocadores que a gozam com histórias em que sodomizam rapariguinhas do liceu, e rendo-me às evidências da sua solidez técnica e do seu à-vontade coloquial. Ouço-a descrever como se deve fazer sexo anal, do clister prévio para desentupir o cólon descendente à lenta introdução da glande, incluindo o despiste da existência de problemas hemorroidais, a estimulação preliminar do esfíncter com um dedo (e depois dois), a cuidadosa unção do orifício com o lubrificante escolhido e a discussão com a parceira (ou o parceiro, que sei eu?) sobre o momento em que finalmente se encontra tudo a postos para a investida, e já nem com citrato de sildenafila ia aonde quer que fosse.

A primeira limitação é de ordem prática. Até para o mais simples coito na velhinha pose de missionário Marta Crawford parece ter uma *check list*. Só decorar aquilo tudo já seria o cabo dos trabalhos – e depois ainda era preciso ir dando baixa dos passos cumpridos, como quem vai fazendo vistos na lista do supermercado. Da primeira vez que fiz sexo depois de um programa de Marta Crawford, parecia que a tinha sobre o meu ombro, sussurrando: «Agora faz assim. Isso. Agora faz assado. Com calma. Muito bem. Agora, vá, o truque que eu te ensinei. Sem pressas. Boa, miúdo! Agora o abracinho, agora o abracinho... Excelente!» Ao fim de cinco minutos estava com os nervos em franja – e, se não desatei ao pontapé à mobília, foi porque me encontrava descalço, que apesar de tudo ainda há regras que cumpro por experiência própria.

E, no entanto, há outra limitação ainda maior: o grafismo. Ou o excesso de informação. Vejo um programa de Marta Crawford e deixa de se me escapar o que quer que seja sobre uma cópula, um *cunnilingus*, um onanismozinho que seja. Ora, talvez o bom sexo possa dispensar-se da transgressão. Cada vez acredito mais nisso: pode efectivamente haver bom sexo sem pecado. Mas não pode, nunca pôde, nem nunca poderá haver bom sexo sem mistério. Se muitos casais perdem o desejo ao fim de alguns anos, é porque o mistério desapareceu. Se outros tantos o mantêm latejante ao fim

de várias décadas, é porque encontraram uma forma de reinventar o mistério. Feitas as contas, tem de haver sempre alguma espontaneidade – até alguma pressa, alguma urgência. E o melhor, apesar de tudo, é que o sexo seja muitas vezes bom e todas as restantes apenas assim-assim. No exacto instante em que for perfeito perderá dois terços do interesse, se não o interesse todo. Da próxima já não poderá ser melhor.

É claro: quatro quintos dos portugueses discordarão aberta e ostensivamente disto. Nos estudos sociológicos e nas conversas de café, nas telenovelas e nas reportagens «do social», não encontro outra coisa senão atletas sexuais – e nenhum atleta sexual alguma vez poderá ser surpreendido a aceitar que a sua última sessão foi apenas assim-assim (e muito menos que a próxima poderá ser assim-assim também). Pois a eles, mais do que a quaisquer outros, assentam que nem uma luva os programas da doutora Crawford e mais a sua fleuma, as suas desmistificações cavalgantes e a sua maior-das-naturalidades. Se para alguma coisa servem os programas de Marta Crawford, é precisamente para acalmar os nervos àqueles a quem o sexo mete tanto medo que em nenhum instante conseguem fugir a recordar as façanhas da pós-adolescência.

Quanto ao resto, interessa-me muito pouco a possibilidade de discutir sexo com os meus pais, em frente à televisão, como se tudo não passasse da fricção de dois pedaços de carne recheados de terminações nervosas cujas vibrações são comunicadas ao cérebro através do sistema nervoso central, provocando enfim o orgasmo. Eu ainda acho que um orgasmo é mais do que isso – e a última coisa que me apetece saber é se os meus pais o sabem também.

Deste futebol. O meu futebol é o futebol dos golos de bandeira e dos penáltis roubados, dos copos pela noite dentro e das zaragatas à segunda-feira de manhã. No meu futebol, vivem-se a mais delirante euforia e a mais miserável angústia. Vivem-se o ódio e o

amor em doses iguais – e, quando alguém nos pergunta se é loucura o que isso é, nós erguemos bem alto o copo, citamos Goethe (não citamos nada) e bebemos a Bruno Paixão. O meu futebol existe porque tudo o mais existe também – e porque em tudo o mais temos de ser sensatos e ponderados, contidos e parcimoniosos, cínicos e conformes. No meu futebol cabem a gritaria, o sentimento de vingança e a matreirice. Por outro lado, não cabem Paulo Bento, Carlos Queiroz ou esta nova moda de usar imagens televisivas para corrigir os erros dos árbitros. No meu futebol cabe Deus, sim – mas também o Deus que cabe no meu futebol ergue bem alto o copo, cita Goethe (Ele, sim, cita Goethe) e bebe a Bruno Paixão. E, nesse instante delicado e sublime, não há nada mais importante do que aquilo. O homem de bom senso jamais cometerá uma loucura de pouca importância.

Escreveu-me Rui Santos, aqui há uns tempos (penso que posso contá-lo – ele escreveu a toda a gente, como se vê pela lista de subscritores que reuniu), a convidar-me para assinar uma *petition online* em defesa da utilização de câmaras dentro das balizas (julgo que era isto), de forma a garantir a «verdade desportiva» e a defender a «indústria do futebol». Mandeí um abraço, mas pedi escusa. Na verdade, é minha firme convicção de que metade disto começou a morrer no instante em que pela primeira vez se utilizaram as palavras «verdade desportiva» – e que o que restava morreu no dia em que incorporámos essa coisa da «indústria do futebol». O público debandou das bancadas – e, se ainda não debandou da televisão, foi por falta de alternativas. Afinal de contas, a própria TV está agora conluiada com essa absurda desumanização do jogo a que, à falta de melhor, demos o nome de «indústria», oferecendo aos órgãos jurisdicionais (é assim que se diz, não é?), a possibilidade de castigar um jogador que afinal cavou um penáti e de ilibar um defesa central que afinal não jogou a bola com a mão coisa nenhuma – e de, naturalmente, chamar a isso «repor a justiça».

Resultado: ter uma discussão sobre futebol tornou-se impossível. Os comentadores explicam-nos o jogo tão explicadinho, e as imagens são tão obviamente esclarecedoras, que deixou de haver lugar à dúvida. Ora, quando não há dúvida, já se sabe, também

não há convicção. Notem esta particularidade no falar português: se nós vimos o João a dar um pontapé no tio, dizemos «O João deu um pontapé no tio», mas, se apenas desconfiamos de que o João deu um pontapé no tio, o que dizemos é «Tenho a certeza de que o João deu um pontapé no tio». Pois era precisamente isso que nos alimentava: ter a certeza absoluta, porque, na verdade, não tínhamos certeza nenhuma. Foi a televisão, zelosa e profissional, que começou a acabar com isso – e foram os ditos órgãos jurisdicionais (espero que seja assim que se diga, porque eu adoro) que acabaram com o resto. Bem gostava eu de dizer agora: «É verdade, sim senhor. O Cardozo atirou-se para o chão.» Pois não posso. Já não podia, aliás. Mas ainda podia dizer: «O Cardozo marcou três golos ontem? Ah, mas, se ele tivesse sido castigado por cavar aquele penálti na semana passada, não tinha marcado três golos esta semana!» E agora também já não posso dizer isso.

Hoje em dia, há demasiada justiça no futebol para o meu gosto. Eu preferia quando se tratava de um jogo de homens, uns falíveis e os outros manhosos. Em vez disso, o que temos é este futebol de Paulos Bentos, Carlos Queirozes e autómatos do género. Um futebol de programação, movimentos basculantes e cargas físicas com fins técnico-tácticos – e, se nos pomos a discutir um jogo uns com os outros, damos inevitavelmente por nós a falar na necessidade de procurar o «segundo objectivo», para o qual «dependemos só de nós», até porque o mais importante é o «encaixe financeiro». No meu futebol, ninguém dependia só de si: dependia de si, do adversário, da sorte, da manha – e sobretudo dessa coisa indecifrável e nunca devidamente baptizada que era o beijo do poeta. E eu não sei, sinceramente, onde é que o Rui Santos ainda quer meter mais máquinas. Tanto quanto me diz respeito, isto já é um conto de Clifford Simak – e o pior é que as máquinas não só já se revoltaram, como ainda por cima já tomaram o poder. Primeira medida tomada: o fim da alegria.